

## Panorama dos Cursos Superiores de Turismo da Região Sudeste do Brasil

Gislene Duarte Garcia  
Iomara Albuquerque Giffoni  
Mabel Rocha Couto  
Roberta Abalen Dias  
Virginia Sofia Franco de Oliveira

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar um panorama do ensino superior na área do turismo na região sudeste do Brasil, na perspectiva de análise de que as instituições de ensino superior ofereçam profissionais qualificados para atender as demandas do setor na retomada das suas atividades na pós-pandemia do coronavírus. Inicialmente contextualiza-se a atividade turística e a importância da formação profissional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva que teve como fonte de coleta de dados o Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior. Por meio do levantamento de dados investigou-se os tipos de curso e o seu foco profissional, apurou-se o crescimento da formação tecnológica, sendo o foco principal a gastronomia. Concluiu-se que o desafio da área é detectar as mudanças necessárias a serem implementadas nos cursos de graduação em Turismo.

**Palavras-chave:** Turismo; Educação; Ensino Superior; Formação Profissional; Região Sudeste.

**Abstract:** This article aims to present an overview of higher education in the area of tourism in the southeast region of Brazil, with the perspective of analysis that higher education institutions offer qualified professionals to meet the demands of the sector in the resumption of their activities in the post-pandemic coronavirus. Initially, the tourist activity and the importance of professional training are contextualized. This is a qualitative research of descriptive nature that had as a source of data collection the National Registry of Courses and Institutions of Higher Education. Through data collection, the types of courses and their professional focus were investigated, the growth of technological training was found, being the main focus on gastronomy. It was concluded that the challenge of the area is to detect the necessary changes to be implemented in undergraduate courses in Tourism.

**Key-Words:** Tourism; Education; Higher Education; Vocational Training; Southeast Region

### Introdução

A necessidade de ofertar ao mercado turístico profissionais preparados para adaptar à dinâmica do setor, que é altamente complexo e sistêmico, sempre foi preocupação das instituições de ensino superior e agora emerge como aspecto fundamental diante de uma das piores crises mundiais.

A Covid-19 tem trazido impactos severos para os serviços turísticos e demandará grande capacidade de adaptação e recuperação por parte dos gestores dos empreendimentos turísticos que precisarão contar com profissionais cada vez mais qualificados.

De acordo com Coelho e Mayer (2020) a pandemia da Covid-19 é a maior emergência de saúde da história recente. Além das grandes implicações no setor da saúde impacta diretamente o setor de turismo devido às proibições e restrições de viagem e interrupções de mobilidade.

“O Turismo, mais do que qualquer outro setor da economia, apresenta uma característica de extrema sensibilidade a toda a alteração situacional, sendo extremamente retrátil a oscilações de taxa de câmbio, flutuações sazonais da demanda, riscos meteorológicos, geológicos, convulsões sociais, instabilidade política, terrorismo e riscos epidêmicos e pandêmicos que comprometam a saúde pública, como o recente surto do COVID-19” (BENI, 2020, p.3).

Diversos autores defendem o turismo como um fenômeno socio político econômico e cultural (Boullón 2002; Fuster, 1985; Goldner, Ritche e McIntosh, 2002; Moesh, 2002; Panosso Netto, 2005) e o analisam como um sistema capaz de utilizar de todos os meios para satisfazer as necessidades dos turistas. Já Barretto (2012) sem discordar dos enfoques anteriormente citados analisa o turismo sob o paradigma do rizoma de Deleuze e Guattari, por isso a complexidade da atividade turística sempre é observada nos diferentes enfoques dos projetos pedagógicos dos cursos.

Habermas (1993) já dizia que “a unidade de investigação e ensino, entendida no seu sentido mais específico, significa que só se ensina e se aprende à medida das necessidades do processo inovador do progresso científico”. Nesta perspectiva, torna-se importante repensar o papel das universidades como espaço gerador de conhecimento, contribuindo para as rápidas transformações tecnológicas e circulação das informações pelos diversos tipos de meios de comunicação, podendo competir em níveis de igualdade com as melhores instituições de ensino superior nacionais e internacionais.

No contexto de pandemia, o papel dos cursos superiores no processo de reconhecimento das instituições de ensino superior como um elemento fundante

para o progresso científico em todas as áreas, torna-se evidente, conforme o autor abaixo:

O fato é que o acesso à informação e a transformação desta informação em conhecimento são apontados como elementos chaves para o processo de desenvolvimento e inovação, e esse acesso vem sendo facilitado e, recentemente, até mesmo forçado, criando oportunidades e desafios. Essas mudanças tiveram marcos temporais que costumam ser revisitados historicamente, mas nada se compara (e espera-se que por muito tempo não haja outros marcos a comparar) com o ano de 2020 e a pandemia da Covid-19 que se tornou um divisor de águas nas narrativas deste século". (SILVEIRA ET AL, 2020, p. 107).

Refletindo sobre o processo formativo do profissional de turismo e suas relações com a sociedade, pretendemos apresentar um panorama do ensino superior na área do turismo na região sudeste do Brasil, sugerindo algumas questões observadas através dos dados levantados e entendendo que a formação de profissionais qualificados para as demandas de um mundo cada vez mais globalizado, diverso e tecnológico se faz urgente e necessária no contexto pós pandêmico.

Cabe ressaltar, a importância da internacionalização do ensino superior no Brasil, que tem se consolidado nos planos de desenvolvimento institucional das universidades, sendo que a mobilidade acadêmica internacional se constitui como um espaço formativo de excelência em âmbito científico, cultural, social e tecnológico.

Segundo Stallivieri (2004) a internacionalização é necessária para as instituições competirem em níveis de igualdade com as melhores instituições de ensino nacionais e estrangeiras.

A perspectiva de análise desse trabalho é de que com o controle da pandemia, o avanço da vacinação e a manutenção das medidas de prevenção e controle sanitários, a retomada das atividades turísticas seja constante e em escala, criando oportunidade para que as instituições de ensino superior ofereçam profissionais qualificados para as demandas do setor turístico.

Trigo (2020), após fazer uma revisão da literatura sobre o turismo e diante das novas demandas, reafirma a importância da formação:

“Por isso uma boa formação deve dar as bases éticas e intelectuais para possibilitar competências profissionais e cidadãs sólidas e, concomitantemente, prevenir contra credulidades, irracionalismos ou simplesmente golpes de má-fé aos quais todos estamos sujeitos se não tivermos prudência e discernimento, equilíbrio emocional e maturidade existencial. Não se pode prever o futuro, mas é possível preparar-se para diversas situações por meio de planejamento dinâmico e estratégico” (TRIGO, 2020, p.11).

### **A formação do profissional**

A competitividade das empresas turísticas cresce no mesmo ritmo que a área, e a busca pela qualidade da mão de obra para atuar no setor configura-se, não somente em uma vantagem competitiva, mas como essencial para a sobrevivência e o sucesso das empresas. Assim sendo, no turismo uma boa formação apresenta-se como uma necessidade imperiosa para a inserção do profissional no mercado de trabalho.

Menezes e Teixeira (2020) apontam que é preciso refletir sobre quem é o profissional formado em turismo, já que essa profissão surgiu no século XX, tendo constantemente que se adaptar a um mundo disruptivo e em mudança. Tratando especificamente da formação profissional de nível superior, o inciso II do art. 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9.394/96 estabelece que uma das finalidades da educação superior é "formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua".

Ainda de acordo com Menezes E Teixeira (2020) o processo formativo do profissional se dá “por meio da construção de conhecimentos que partem de um

projeto de curso e de seus currículos, que definem os objetivos do curso, o perfil do egresso e as competências e habilidades profissionais para atuar no mercado de trabalho” (MENEZES E TEIXEIRA, 2020, pag. 4). Essas características vão determinar a classificação do curso, se é um curso de bacharelado, se é uma licenciatura ou se é de tecnologia, cujas diferenças estão sintetizadas no Quadro 1, a seguir.

**Quadro 1 – Diferenças entre as Classificações dos Cursos Superiores**

	<b>Bacharelado</b>	<b>Licenciatura</b>	<b>Tecnólogo</b>
<b>Foco</b>	Formação acadêmica ampla da área de atuação	Formação científica e humanista	Formação voltada para as demandas do mercado de trabalho.
<b>Perfil do egresso</b>	Generalista, teórico e Pesquisador	Teórico, pesquisador e docente	Prático
<b>Duração</b>	De 3 a 6 anos (2400 horas no mínimo)	A partir de 3 anos (2.400 horas)	Mínimo de 1.600 horas (de 2 a 3 anos)
<b>Campo de atuação</b>	Formação em gestão e Planejamento; Meios de Hospedagem; agenciamento e transportes; eventos; turismo e meio ambiente; gastronomia; consultoria e órgãos públicos de turismo.	Formação para a docência e em planejamento e atuação nas áreas que compõem o trade turístico (hospedagem, políticas públicas, agenciamento, alimentos e bebidas, lazer e outros); • Habilitação para a produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico no campo do Turismo.	Atuação no Mundo do trabalho relativo a eventos; Gastronomia; Gestão desportiva e de lazer; Gestão de Hotelaria

Fonte: Elaboração própria

Vale ressaltar que, dentre as características que diferenciam os tipos de formações disponíveis na área do turismo, o perfil do egresso se destaca, considerando que exprime os atributos necessários para o bom desempenho da função. Atributos esses que são adquiridos na vida social, escolar, pessoal e também durante o seu desempenho profissional. Sobre esse ponto é interessante observar que a Resolução nº 13, de 24 de novembro de 2006, que institui nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação em turismo, sugere um perfil para o egresso a ser formado, da seguinte forma:

O curso de graduação em Turismo deve ensejar como perfil desejado do graduando, [ser] capacitado e [ter] aptidão para compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e culturais, relacionadas com o mercado turístico, sua expansão e seu gerenciamento, observados os níveis graduais do processo de tomada de decisão, apresentando flexibilidade intelectual e adaptabilidade contextualizada no trato de situações diversas, presentes ou emergentes, nos vários segmentos do campo de atuação profissional. (BRASIL, 2006, art. 3º)

Ainda de acordo com as orientações da Resolução n.º 13/2006, um curso de graduação em turismo deve desenvolver dezenove diferentes competências e/ou habilidades no seu egresso, à saber:

- I - compreensão das políticas nacionais e regionais sobre turismo;
- II - utilização de metodologia adequada para o planejamento das ações turísticas, abrangendo projetos, planos e programas, com os eventos locais, regionais, nacionais e internacionais;
- III - positiva contribuição na elaboração dos planos municipais e estaduais de turismo;
- IV - domínio das técnicas indispensáveis ao planejamento e à operacionalização do Inventário Turístico, detectando áreas de novos negócios e de novos campos turísticos e de permutas culturais;
- V - domínio e técnicas de planejamento e operacionalização de estudos de viabilidade econômico-financeira para os empreendimentos e projetos turísticos;
- VI - adequada aplicação da legislação pertinente;
- VII - planejamento e execução de projetos e programas estratégicos relacionados com empreendimentos turísticos e seu gerenciamento;
- VIII - intervenção positiva no mercado turístico com sua inserção em espaços novos, emergentes ou inventariados;
- IX - classificação, sobre critérios prévios e adequados, de estabelecimentos prestadores de serviços turísticos, incluindo meios de hospedagens, transportadoras, agências de turismo, empresas promotoras de eventos e outras áreas, postas com segurança à disposição do mercado turístico e de sua expansão;
- X - domínios de técnicas relacionadas com a seleção e avaliação de informações geográficas, históricas, artísticas, esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas, políticas e outros traços culturais, como diversas formas de manifestação da comunidade humana;
- XI - domínio de métodos e técnicas indispensáveis ao estudo dos diferentes mercados turísticos, identificando os prioritários, inclusive para efeito de oferta adequada a cada perfil do turista;
- XII - comunicação interpessoal, intercultural e expressão correta e precisa sobre aspectos técnicos específicos e da interpretação da realidade das organizações e dos traços culturais de cada comunidade ou segmento social;
- XIII - utilização de recursos turísticos como forma de educar, orientar, assessorar, planejar e administrar a satisfação das necessidades dos turistas e das empresas, instituições públicas ou privadas, e dos demais segmentos populacionais;
- XIV - domínio de diferentes idiomas que ensejem a satisfação do turista em sua intervenção nos traços culturais de uma comunidade ainda não conhecida;

XV - habilidade no manejo com a informática e com outros recursos tecnológicos;

XVI - integração nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares, interagindo criativamente face aos diferentes contextos organizacionais e sociais;

XVII - compreensão da complexidade do mundo globalizado e das sociedades pós-industriais, onde os setores de turismo e entretenimento encontram ambientes propícios para se desenvolverem;

XVIII - profunda vivência e conhecimento das relações humanas, de relações públicas, das articulações interpessoais, com posturas estratégicas do êxito de qualquer evento turístico;

XIX - conhecimentos específicos e adequado desempenho técnico profissional, com humanismo, simplicidade, segurança, empatia e ética. (BRASIL, 2006, art. 3º)

Como se pode observar, de acordo com as orientações oficiais, o perfil almejado do egresso dos cursos superiores em turismo mostra-se extremamente diversificado e complexo. Ainda que se reconheça a importância de tão grande número de habilidades e competências, se pondera aqui a necessidade da vivência profissional para a introjeção delas por parte do discente, e que isso só será possível no efetivo exercício da profissão. Mas as exigências para uma boa formação do profissional de turismo não param por aí, as autoras Sogayar & Rejowski (2011) acrescentam que

“A discussão global sobre os desafios estruturais da formação superior em turismo gira em torno de uma mudança orientada à internacionalização da educação e à tecnologia – elemento transformador dos processos comunicativos e consequentemente educacionais, responsável pela velocidade que incute ao mundo moderno em relação aos processos de inovação e divulgação. Ao mesmo tempo não se podem excluir outros aspectos intervenientes como as mudanças climáticas com seus efeitos nos destinos turísticos, novos posicionamentos perante a forma de se estar e se viver no planeta e as crises internacionais do capitalismo refletidas nas quedas dos grandes bancos e na suscetibilidade econômica da União Europeia e mais recentemente dos Estados Unidos. (SOGAYAR & REJOWSKI, 2011, p. 290)

Dez anos depois, as análises realizadas pelas autoras mostram-se atuais e pertinentes. Haja visto o impacto que o surgimento da pandemia do Coronavírus - Covid-19 teve no setor de turismo, desafiando-o a se reinventar e nos fazendo refletir a respeito do futuro dos profissionais. Uma resposta possível às incertezas que permeiam a vida profissional do turismólogo é a de que um bom profissional “deve expandir constantemente seus conhecimentos, deve estar em

consonância com o ambiente que o rodeia e principalmente ser um membro ativo em sua sociedade” (SHIGUNOV NETO E MACIEL, 2002, p. 20).

Finaliza-se esse tópico ponderando que o mundo atual nos faz vivenciar os efeitos da globalização, onde os profissionais precisam ter uma visão sistêmica. Neste contexto, observa-se a necessidade de uma educação que objetive a transformação social, política, cultural e ambiental na formação do profissional da área do turismo. Para isso, percebe-se a necessidade de uma constante e necessária adaptação nos currículos dos cursos de ensino superior em turismo, tendo em vista as mudanças do mundo na contemporaneidade.

## **Metodologia**

Esta é uma pesquisa qualitativa, que usufrui da análise de dados quantitativos, visto que se dispõe a descrever as características dos cursos superiores na área do turismo na região sudeste do Brasil. Ao descrever as características de determinadas populações ou fenômenos ela é classificada quanto a sua natureza como descritiva (GIL, 2009).

Para realizar o objetivo aqui proposto adotou-se a pesquisa documental como instrumento de pesquisa. Esse tipo de pesquisa consiste na busca de dados em documentos encontrados em órgãos públicos ou privados (VERGARA, 2009).

A fonte de pesquisa foi o sítio do Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior, onde se encontrou um total de 163 cursos superiores em turismo, compreendendo o universo pesquisado. Foram analisados 100% desses cursos registrando as variáveis: tipo de curso e o foco. O levantamento de dados foi realizado em março de 2021, sendo que os dados coletados foram analisados apenas por meio da utilização do número de ocorrências e os resultados serão apresentados a seguir.

## **Apresentação dos dados e análises**

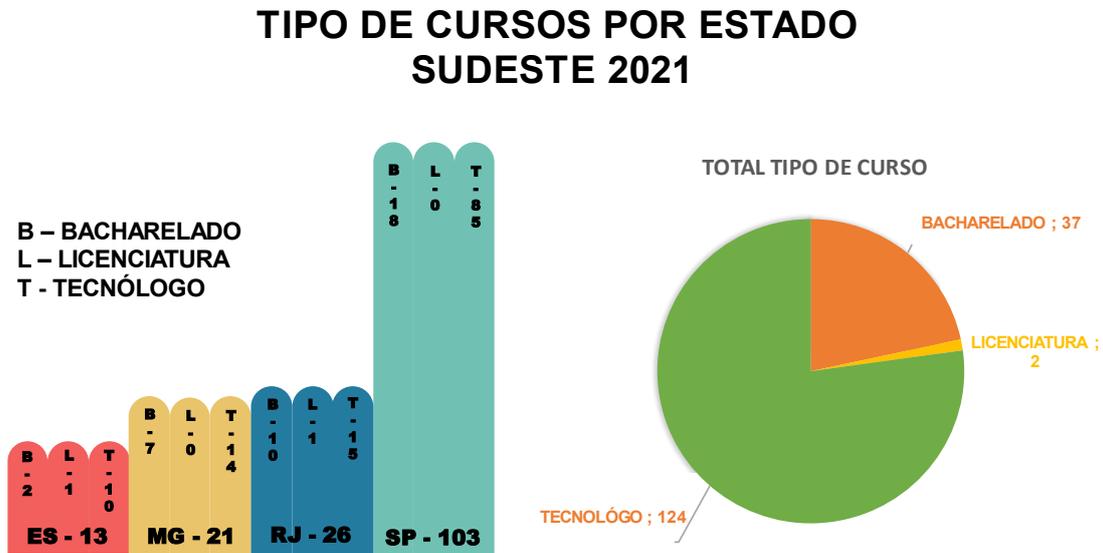
Inicialmente cabe contextualizar a região sudeste uma vez que esse é o recorte geográfico aqui adotado. Essa região do Brasil é composta pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e o Espírito Santo. Segundo dados do IBGE de 2019, ela é a maior e mais populosa região do país com quase 90 milhões de pessoas, abrigando o maior número de Instituições de Ensino Superior (IES), eram 1.123 em 2018, que concentravam 44,4% do total de matrículas no país (SEMESP, 2020, *online*). Guardadas as especificidades que cada região do Brasil possui, o fato da região sudeste quantitativamente ser a maior, nos indica a representatividade que os dados aqui levantados terão em relação ao todo, mesmo que não se possa generalizá-los.

### **Tipo de curso**

Conforme os dados apurados e apresentados no Gráfico 1, atualmente há a predominância dos cursos tecnológicos no turismo, eles correspondem a 76,1% dos cursos superiores. Para entender a razão o fenômeno da expansão dos tecnológicos faz-se necessário resgatar a trajetória dos cursos superiores na área.

O primeiro curso de bacharel em Turismo no país foi fundado em 1971 seguido de algumas outras iniciativas. Na década de 1980 há uma estagnação no surgimento de novos cursos, associada à problemas econômicos do país. Na década de 1990, assiste-se à sua expansão numérica e geográfica (Ansarah, 2002); sendo que na década seguinte ocorreu um aumento vertiginoso no número de cursos, tendo seu ápice em 2005 com 697 cursos de turismo, segundo dados do INEP (2005). A partir da década de 2010 presencia-se o fechamento paulatino de cursos de bacharelado e a ascensão dos cursos de tecnólogo.

**Gráfico 1: Tipo de curso por Estado da região sudeste 2021**



Fonte: Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior

Para Silveira, Medaglia e Gândara (2011) a retração na quantidade de cursos superior em turismo pode decorrer tanto do fim do modismo, quanto pelas dificuldades do mercado em absorver essa mão-de-obra. Para as autoras desse artigo há outros fatores agregados à conjuntura da área do turismo como, o movimento de expansão da formação tecnológica entre 2008 e 2018, de mais de 103% de aumento no número de matrículas, identificado pelo MEC no Censo da Educação Superior de 2108. Essa tendência continuou presente no ano seguinte, 2019, onde foi detectado que em relação a 2018, houve um crescimento de 11,5% nas matrículas dos cursos tecnólogos no Brasil.

Samaniotto e Mercuri (2007) apontam como principal diferencial desse tipo de formação a especialização, é atender ao desenvolvimento tecnológico local ou regional, de um setor especializado. Resultando em um perfil de egresso “mais ligado à prática do que à teoria como também mais próximo da tecnologia do que da ciência” (SAMANIOTTO; MERCURI, 2007, p. 72). Vislumbra-se aí mais um componente que explica seu avanço, mas ainda há outros pontos que se acredita que influenciem como a expansão da Educação a Distância nas IES

privadas, a abertura de cursos nas IES públicas, cabendo uma investigação mais aprofundada com cruzamento de dados e que não será possível esgotar aqui.

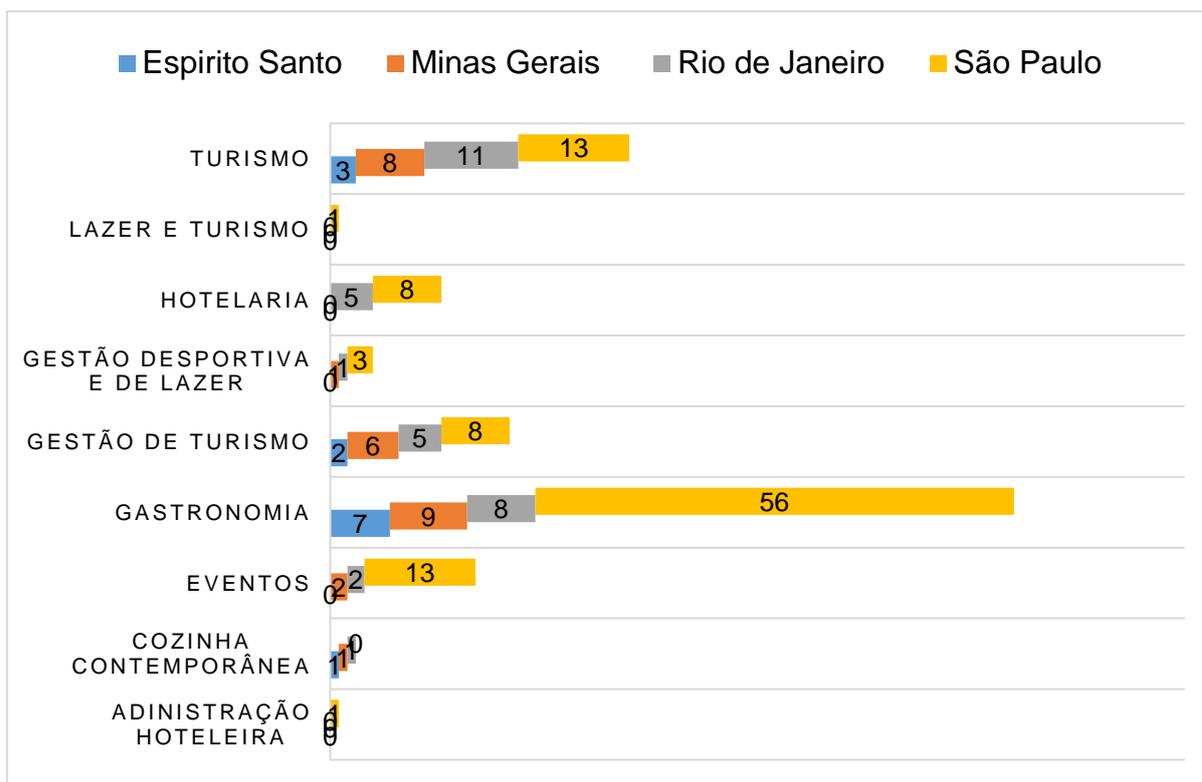
Quanto a licenciatura, ela tem uma oferta pouco expressiva de apenas dois cursos em toda a região sudeste. O fato é que não é exigido essa formação para atuar como docente nessa área e acredita-se que esse é o principal motivo por ela não ter uma demanda.

Há uma similaridade na oferta de cursos superiores em turismo entre os estados da região sudeste, a exceção de São Paulo. Esse estado se destaca no cenário brasileiro devido aos seus índices, de acordo com projeções do IBGE em 2020 ele teria 31,9% do PIB brasileiro, 95,9% do território urbanizado, 21,9% da população brasileira, 186,48 habitantes/Km<sup>2</sup>. No turismo não é diferente, o estado é o principal destino nacional, com mais de 44 milhões de viagens (dados pré-pandemia). Juntos aos demais índices, infere-se que uma formação mais curta abra a possibilidade de uma rápida inserção no mercado de trabalho e que esse seja o motivador dos 85 cursos de tecnólogo existentes no estado.

### **Foco do curso**

O segundo ponto de interesse desse trabalho foi o foco dos cursos superiores, porque acredita-se que ele seja um indicador da adaptação da academia em relação à demanda do mercado. Essa análise foi realizada por meio da nomenclatura dos cursos superiores, pois ela tem a função de, sinteticamente, designar o seu foco dentro de uma área específica do conhecimento. Os 163 cursos existentes possuem nove focos como se pode ver no Gráfico 2, a seguir.

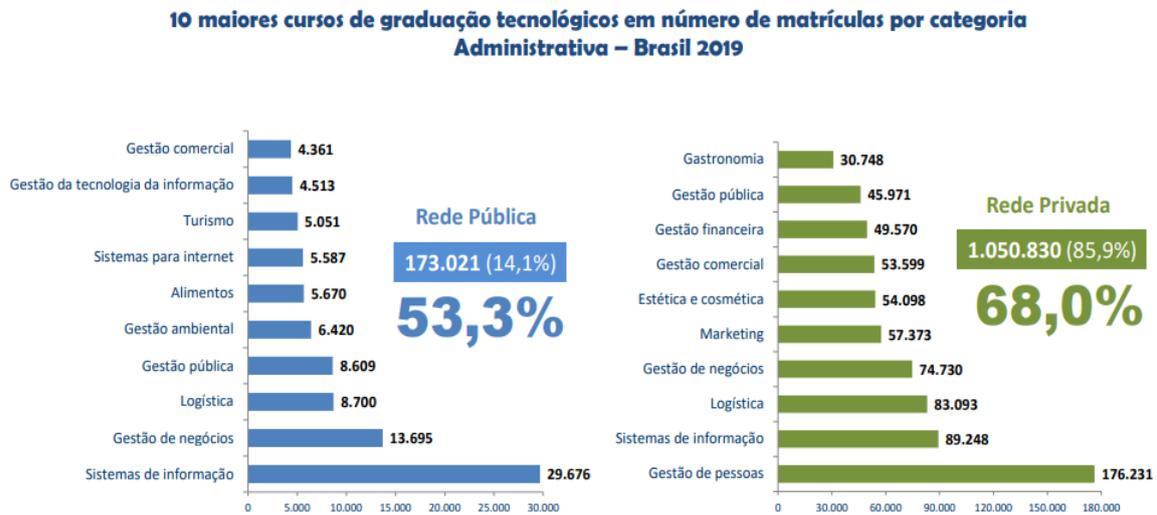
### **Gráfico 2: Foco do curso por Estado da região sudeste 2021**



Fonte: Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior

A Gastronomia, contabilizada junto dela a formação em Cozinha contemporânea, é a que tem maior oferta de cursos na região sudeste, 50,9% do todo. E, conforme o Gráfico 3, também é a que possui a maior demanda: é o décimo curso em número de matrículas na rede privada e o sexto na rede pública de IES brasileiras. O setor de Alimentos e Bebidas sempre teve demanda no mercado de trabalho por tratar de uma das necessidades básicas do ser humano que é a alimentação. Com a *gourmetização*, a popularização de outros estilos de alimentação como *lowcarb*, *vegano*, *celíaco*, dentre outros, aparecem novos nichos de mercado a serem preenchidos. Outrossim, com o fechamento do comércio devido a pandemia do Coronavírus iniciada em 2020, a gastronomia se transformou em fonte de renda para boa parte da população. Isso demonstra um alinhamento entre a academia e o mercado de trabalho.

### Gráfico 3: 10 maiores cursos de graduação tecnológicos em número de matrículas por categoria administrativa – Brasil 2019



Fonte: MEC/Inep, Censo da Educação Superior

Fonte: Censo da educação brasileira 2019

A seguir, tem-se a formação em turismo com 33,7% cursos, a maioria é ofertado por instituições públicas. Não coincidentemente no Gráfico 3 ele aparece como oitavo curso em número de matrículas nessa rede no país. De fato, o efeito multiplicador do turismo continua a ser reconhecido como um importante componente na economia das localidades. Tanto é assim que, na sequência, aparece o foco na gestão em turismo, com 12,9% ocorrências.

Depois vem o foco em eventos, 10,4%, esse é um setor tão desenvolvido quanto o da gastronomia, no qual há demanda de mão-de-obra, mas onde as pessoas trabalham majoritariamente na informalidade e temporariamente. Esses dados demonstram que existe uma necessidade de se investir na formação na área, o que impactaria na qualidade da prestação do serviço.

A hotelaria, que figurava como o principal segmento do turismo, agora é foco de apenas 8,6% dos cursos superiores, quando analisada junto à formação em administração hoteleira. Além disso, a hotelaria vem sofrendo com o surgimento da economia de compartilhamento, que permite aos indivíduos alugar o todo ou

parte de sua própria casa, como uma forma de acomodação extra, intermediadas por plataformas Internet.

Por último, com 3,7%, temos o foco em lazer e turismo e gestão desportiva e de lazer. Sabe-se que a gênese do turismo está no lazer, contudo a formação voltada ao lazer especificamente, bem como seus postos de trabalho, geralmente é atribuída aos profissionais da área de educação física. E é interessante observar que outros segmentos que similarmente ao de lazer, tem interface com o turismo, como, o de transportes, que não é foco de nenhuma formação.

### **Considerações finais**

Nesse artigo buscou-se identificar e descrever as características de um fenômeno contemporâneo, que é a formação do profissional de turismo proporcionada pelas instituições de ensino superior na região sudeste do Brasil. Os dados levantados evidenciaram algumas questões que sugerem reflexões e demandas para futuras pesquisas:

- A grande maioria dos cursos na área de turismo oferecidos na região Sudeste são da modalidade Tecnológica, principalmente no estado de São Paulo. Levando-se em conta o Perfil Profissional do Aluno Egresso evidenciado na Resolução n.º 13/2006, que institui as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Turismo, existe algum dado ou estudo que realiza uma análise sobre a inserção dos egressos desses cursos no mundo do trabalho formal e informal, quais os impactos da formação na vida profissional desses egressos ou a formação em Tecnologia em Turismo se deu apenas em função de uma formação rápida em nível superior?
- Os Cursos de Licenciatura em Turismo que, de acordo com os dados, existem em apenas duas instituições na região Sudeste, estariam realizando uma formação voltada para as suas características

fundamentais, quais sejam: Formação para a docência e em planejamento e atuação nas áreas que compõem o trade turístico (hospedagem, políticas públicas, agenciamento, alimentos e bebidas, lazer e outros) e Habilitação para a produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico no campo do Turismo, ou seriam apenas uma opção para a formação em nível superior, tendo em vista o pequeno número de cursos oferecidos na área?

- Com relação aos tipos de cursos oferecidos na área de Gastronomia, que são maioria absoluta, o que sugere algumas inflexões sobre os motivos dessa grande oferta, como modismo influenciado pela mídia, grande inserção no mundo do trabalho ou uma real necessidade de formação na área para a inserção no mercado?
- Os cursos generalistas em Turismo estão em segundo lugar no número de cursos oferecidos na área, o que também sugere algumas análises sobre os currículos diversos apresentados, se teriam alguma similaridade ou se haveria alguma influência regionalista sobre os componentes curriculares?
- Os cursos de formação tecnológica em turismo, acontecem, em sua totalidade, na rede pública de ensino superior, enquanto na rede privada os cursos de tecnologia são mais focados em áreas específicas, como Gastronomia. Isso sugere uma tendência da rede privada em estar mais alinhada às demandas do mercado de trabalho?
- As áreas de Eventos e Lazer e Entretenimento, que propiciam várias oportunidades de geração de trabalho e renda, não estão contempladas nos cursos de Tecnologia e devem ser apenas um componente curricular dos cursos generalistas em Turismo. Isso sugere uma pouca valorização na formação acadêmica dessas áreas ou a demanda para essas formações é pequena?

- A inferência de que a queda na formação em hotelaria vem sofrendo com o surgimento da economia de compartilhamento sugere que essa última não carece de formação acadêmica, seja na área de gestão ou na área de prestação de serviços?
- As áreas complementares ao Turismo, como Lazer e Transportes, estão relegadas nas formações acadêmicas. Não seria uma constatação de que a área de Turismo, além de ser interdisciplinar, não seria mais ampla do que a oferta de formação atual?

Enfim, ao se destacar os questionamentos apresentados acima não significa que foi descartada a existência de outros fatores que possam estar interferindo nos Cursos Superiores em Turismo, como as vocações regionais, as políticas públicas e as demandas do mundo do trabalho. O que se buscou foi evidenciar as questões observadas a partir dos dados coletados e a interpretação dos mesmos a partir da visão das autoras, docentes da área do Turismo na região pesquisada.

Considerando-se a Resolução nº 13, de 24 de novembro de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação em turismo, a qual sugere um perfil para o egresso a ser formado com um perfil que lhe seja possível estar apto para compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e culturais, relacionadas com o mercado turístico, sua expansão e seu gerenciamento, infere-se que uma formação dinâmica voltada para capacitação nessas áreas torna-se fundamental para o crescimento e a profissionalização do setor, considerando o contexto atual de pandemia e a necessidade de retomada das atividades do setor.

O desafio que se impõe aos profissionais da área é acompanhar e detectar as mudanças necessárias e urgentes a serem implementadas e oferecidas nos cursos de graduação em Turismo existentes e o perfil dos novos cursos a serem planejados, que gerem o enriquecimento e a valorização dos profissionais atuantes nas diversas áreas do trade.

## .Refeências Bibliográficas

ANSARAH, M. G. R. **Formação e Capacitação do Profissional em Turismo e Hotelaria**: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil. São Paulo: Aleph, 2002.

BARRETTO, Margarita. **Cultura e turismo**: Discussões contemporâneas. 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BENI, M. C. **Turismo e Covid-19**: algumas reflexões. Rosa dos Ventos. Turismo e Hospitalidade, 12 (3 - Especial Covid19), 2020, p. 1-23.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru – SP – Edusc, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação - MEC. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia 2016**. Brasília: MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/catalogo-nacional-dos-cursos-superiores-de-tecnologia->>. Acesso em: 09 de setembro 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Diário Oficial da União, 23 dez. 1996ª. Brasília. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 03 set. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES Nº13, de 24 de novembro de 2006 - Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo**. Brasília: Câmara de Educação Superior. 2006. <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces13\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces13_06.pdf)>. Acesso em: 09 de setembro 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior**. Disponível em: <<https://emec.mec.gov.br/emec/nova6689>> Acesso em: 10/03/2021.

COELHO, M. de F.; MAYER, V. F.. **Gestão de serviços pós-covid: o que se pode aprender com o setor de turismo e viagens?** Gestão e Sociedade, [S. l.], v. 14, n. 39, p. 3698–3706, 2020. DOI: 10.21171/ges.v14i39.3306. Disponível em: <https://www.gestoesociedade.org/gestoesociedade/article/view/3306>. Acesso em: 26 set. 2021.

FUSTER, Luis Fernández. **Introducción a la teoría y técnica del turismo**. Madrid, Alianza Editorial, 1985.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. Tradução Roberto Cataldo Costa. 8ª ed. - Porto Alegre: Bookman, 2002.

HABERMAS, Jurgen. **A Ideia da Universidade: Processos de Aprendizagem**. R. bras. Est. pedag., Brasília, v.74, jan./abr. 1993, p. 111-130.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo brasileiro de 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em <<https://ibge.gov.br/cidades-e-estados.html>> Acesso em: 24/09/2021.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Censo da Educação Superior 2019**. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2020/Apresentacao\\_Censo\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf)> Acesso em: 24 de setembro 2021.

MENEZES, P. D. L.; TEIXEIRA, C. R. **As representações sociais do bacharel em turismo: formação, conhecimento e identidade**. Turismo: Visão e Ação, , v22, n3, p533-551. Balneário Camboriú, Santa Catarina, 2020.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2002.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. – São Paulo: Aleph, 2005.

SAMANIOTTO, S. U.; MERCURI, E. Cursos superiores de tecnologia: um estudo do impacto provocado em seus estudantes. **Boletim técnico do SENAC: a revista da educação profissional**. V. 33, n2, mai-ago, 2007.

SEMESP – Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo. **Mapa do ensino superior**. Disponível em: <<https://www.semesp.org.br/mapa-do-ensino-superior/edicao-10/dados-estados-e-regioes/sudeste/>> Acesso em: 24 de setembro 2021.

SHIGUNOV NETO, A. M., L. S. B. **Currículo e formação profissional nos cursos de turismo**. Campinas: Papirus, 2002.

SILVEIRA, C. E. et al. Transformações na sociedade e no mercado de trabalho: a inserção do profissional de turismo no cenário pós-pandemia do Covid-19. In: **REVISTA ACADÊMICA OBSERVATÓRIO DE INOVAÇÃO DO TURISMO**, [S.l.], p. 106-130, dez. 2020. ISSN 1980-6965. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/raoit/article/view/6679>>. Acesso em: 26 set. 2021. doi:<https://doi.org/10.17648/raoit.v14n4.6679>.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J. e GÂNDARA, J. E. G. **Quatro décadas de ensino superior de Turismo no Brasil: dificuldades na formação e consolidação do mercado de trabalho e a ascensão de uma área de estudo como efeito colateral**. Revista Turismo. 2011. Disponível em:<quatro décadas de ensino superior de turismo no brasil: dificuldades na formação e consolidação do

mercado de trabalho e a ascensão de uma área de estudo como efeito colateral | medaglia | turismo - visão e ação (univali.br)> . acesso em: 12 set. 2021.

SOGAYAR, R. L; REJOWSKI, M. **Ensino superior em turismo em busca de novos paradigmas educacionais**: problemas, desafios e forças de pressão. Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica, Vol. 13 - nº 3 - p. 282–298 / set-dez 2011.

STALLIVIERI, Luciane. **Estratégias de internacionalização das universidades brasileiras**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Viagens e turismo: dos cenários imaginados às realidades disruptivas**. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, v. 14, n. 3. p. 1-13, set./dez. 2020.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9.ed. São Paulo: Atlas, 2009. 92p.